

# Montadoras com o pé no freio

ROBERTO BASCCHERA E  
MÁRCIA AVRUCH

SÃO PAULO - As montadoras de automóveis decidiram botar o pé no freio da produção, estimada em 2,15 milhões de unidades para 1997, antes da crise das bolsas. Volkswagen, Ford e General Motors estão negociando com seus empregados a redução da jornada de trabalho para se adaptarem à nova realidade do mercado depois do pacote econômico anunciado anteontem. As reduções se darão sem perda de salário por causa do "banco de horas", artifício pelo qual os trabalhadores ficam devendo horas de trabalho às empresas. A Volks foi ontem uma das primeiras a fechar acordo com os metalúrgicos. A produção nas fábricas de São Bernardo do Campo e Taubaté será interrompida às sextas e segundas-feiras de novembro, seis dias. Aos sábados, a produção

de componentes, como motores, também será suspensa. A cada dia de paralisação deixa-se de fabricar 2,5 mil veículos nas duas unidades da Volks, que empregam 30 mil pessoas.

"A decisão foi tomada porque o mercado, que já estava estagnado em outubro, a partir da elevação das taxas de juros, vai se retrair mais com as novas medidas", explicou Fernando Perez, diretor de Recursos Humanos da Volks. As férias coletivas de duas semanas, marcadas para a segunda quinzena de dezembro, também podem ser antecipadas ou até esticadas, dependendo do mercado. O estoque nos pátios da Volks era ontem de 19 mil carros. Nos portos, havia 3,4 mil veículos.

A Ford, que emprega 6,9 mil pessoas, negocia ontem à tarde a redução da jornada de trabalho de 44 para 38 horas semanais na fábrica de automóveis em São Bernardo, de onde saem 1.038 veículos por dia. As férias coletivas na

montadora, entre 19 de dezembro e 5 de janeiro, poderão ser antecipadas, segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Marinho. Ainda em São Bernardo do Campo, a Mercedes-Benz decidiu suspender contratações e descartou os planos de aumento da produção. Scania e Toyota não procuraram o sindicato para negociações.

Em São Caetano do Sul e São José dos Campos, a General Motors, que produz 800 carros por dia e emprega 6 mil pessoas, também vai reduzir a carga de 46 para 38 horas semanais, utilizando o artifício da jornada flexível de trabalho, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. O vice-presidente executivo da General Motors, André Beer, disse que "a única decisão (da GM) foi suspender o trabalho extra no sábado passado". A possibilidade de férias coletivas não está afastada. De acordo com os sindicatos de metalúrgicos

do ABC, as montadoras, que no total empregam 45 mil pessoas, não falam em demissões, mas o temor é inevitável. "Até o fim do ano não deverá haver demissões, mas para janeiro não dá para falar nada. Estamos projetando um início de 1998 muito duro", afirma Marinho.

Segundo o dirigente sindical, o que mais preocupa quando se paralisa a produção é o comportamento da cadeia produtiva, que compreende máquinas, autopeças, eletroeletrônicos, fundição, indústria química e construção civil, num total de 120 mil trabalhadores. "Por sorte, fechamos o acordo salarial com 98% da categoria há uma semana, portanto, antes do pacote", disse Marinho.

O sindicato dos Metalúrgicos do ABC está mobilizando a categoria para a marcha pelo emprego, marcada para o dia 5 de dezembro na Avenida Paulista.